



Psicologia Clínica

ISSN: 0103-5665

psirevista@puc-rio.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Brasil

Galletti Ferretti, Marcelo; Loffredo, Ana Maria

A temática darwiniana em Freud: um exame das referências a Darwin na obra freudiana

Psicologia Clínica, vol. 25, núm. 2, 2013, pp. 109-130

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio De Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=291029762007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A TEMÁTICA DARWINIANA EM FREUD: UM EXAME DAS REFERÊNCIAS A DARWIN NA OBRA FREUDIANA¹

*Marcelo Galletti Ferretti**

*Ana Maria Loffredo***

Resumo

Este artigo visa examinar as referências a Charles Darwin (1809-1882) na obra freudiana buscando verificar qual o uso que Freud fez da teoria darwiniana e a que conceitos desta aludiu quando citou o nome do célebre evolucionista inglês. Assim, aborda-se o tema da influência de Darwin sobre Freud por meio de uma via mais evidente que, no entanto, foi pouco explorada. Essa abordagem mostra-se profícua, na medida em que fornece sólidas indicações de que o fundador da psicanálise buscou em Darwin não apenas subsídios conceituais a respeito da dinâmica anímica humana como também um modelo de teorizar.

Palavras-chave: Sigmund Freud, 1856-1939; Charles Darwin, 1809-1882; psicanálise freudiana; evolucionismo.

Abstract

DARWINIAN THEMATIC IN FREUD: AN EXAMINATION ON THE REFERENCES TO DARWIN IN THE FREUDIAN WORK

This article aims to examine the references to Charles Darwin (1809-1882) in the Freudian work seeking to evaluate which use Freud made of Darwin's theory and which concepts he referred to while citing Darwin's name. Thus, we deal with the theme of Darwin's influence on Freud by means of a more evident way that, however, was poorly explored. This approach reveals itself to be fruitful, in that it provides strong indications that the founder of psychoanalysis sought in

* Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

** Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Darwin not only conceptual tools in respect of the human psychic dynamics as well as a model for theorizing.

Keywords: Sigmund Freud, 1856-1939; Charles Darwin, 1809-1882; Freudian psychoanalysis; evolutionism.

Resumen

LA TEMÁTICA DARWINIANA EN FREUD: UN EXAMEN DE LAS REFERENCIAS A DARWIN EN LA OBRA FREUDIANA

Este artículo examina las referencias a Charles Darwin (1809-1882) en la obra freudiana, a fin de verificar cual es el uso que hizo Freud de la teoría darwiniana y a qué conceptos de esta teoría se refería cuando mencionaba el nombre de Darwin. En consecuencia, el artículo aborda el tema de la influencia de Darwin en Freud por una vía más evidente que, sin embargo, ha sido poco explotada. Este abordaje se revela proficuo, pues provee sólidas indicaciones de que el fundador del psicoanálisis ha buscado en Darwin no solamente subsidios conceptuales respecto a la dinámica anímica sino también un modelo de teorizar.

Palabras clave: Sigmund Freud, 1856-1939; Charles Darwin, 1809-1882; psicoanálisis freudiano; evolucionismo.

Pode-se afirmar com grande embasamento, ao menos desde os estudos já clássicos e de grande repercussão de Ritvo (1965, 1972, 1974, 1992) e Sulloway (1979/1992), que a presença de Charles Darwin (1809-1882) na vida e na obra de Sigmund Freud (1856-1939) é extraordinária. De um lado, uma consulta a dados acerca de sua vida acusa a posse de várias obras de Darwin e revela uma funda inserção, sobretudo durante sua formação acadêmica, na biologia darwinista. De outra parte, uma reflexão sobre os temas abordados em seus trabalhos, como o estudo da emoção, a sexologia, a psicologia infantil e a antropologia mostra que as ideias do célebre evolucionista inglês encontram intenso eco na obra freudiana. Assim, além de distinta, a influência de Darwin sobre Freud, como caracterizou Ellenberger (1970, p. 236) com precisão, “é múltipla”.

Ao mesmo tempo que reforça o caráter insofismável dessa influência, o fato de ser múltipla traz, não obstante, grandes dificuldades quanto à sua delimitação. A variedade de modos com que pode ser abordada parece exigir dos que a investigam grande engenhosidade. De certa forma, é o que se pode depreender a partir dos estudos referidos acima, os quais demonstram grande erudição. Preocupados em haurir o darwinismo de Freud em inúmeras fontes, muitas delas inusitadas, e coligir grande quantidade de dados históricos que

atestem o legado darwiniano na obra freudiana, esses estudos ampliaram o espectro de tal influência.

Ao procederem dessa maneira, eles optaram por dar menos atenção, no entanto, a um aspecto mais patente e imediato dessa influência: as referências do próprio Freud a Darwin. Estas não são insignificantes ou puramente extrínsecas, mas bastante expressivas e essenciais na obra freudiana: ocorrem em 16 textos da *Standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (vide nossa análise mais abaixo), edição, como atesta Souza (2010, p. 84), mais influente e utilizada, no mundo inteiro, dos trabalhos de Freud. Conquanto os estudos a que nos referimos inicialmente não tenham deixado de notar isso – e, na verdade, tenham até contribuído para divulgar esse grande número de menções a Darwin, especialmente se considerarmos as importantes pesquisas de Ritvo (1974, 1992) –, tais menções não são analisadas detidamente, mesmo que, ocasionalmente, uma ou outra seja mais bem sondada. Numa palavra, esses estudos não as tomam como ponto de partida.

Contrariamente a tais estudos, este artigo recorta como objeto de investigação justamente as referências de Freud a Darwin e tenta delimitar e tornar mais tangível essa influência. Desse modo, pretendemos indagar qual o uso que Freud fez da teoria darwiniana e a que conceitos desta aludiu *quando citou o nome* de Darwin. Esse critério nominal que norteia nossa investigação, aparentemente mecânico e banal, revela-se, no entanto, indispensável. Como Assoun (1996a, p. 1741) evidencia, as alusões de Freud a Darwin “devem ser tomadas ao pé da letra para nos ajudar a reconstruir integralmente a *temática darwiniana* em Freud” e, por isso, representam um “ponto de partida obrigatório”. Assim, se tencionamos principiar a abordagem dessa influencia complexa e múltiplice, é essencial que nos concentremos, antes, naquilo que é mais evidente.

Forma e conteúdo das referências: mapa para uma rota de investigação

Um aspecto crucial a ser destacado a respeito dessas referências é a sua *natureza dúplice*. Do ponto de vista da forma, percebe-se que Freud examina ideias extraídas ora da obra darwiniana, ora extrínsecas a esta; ou seja, ora cita o naturalista, ora se vale apenas do nome “Darwin” a fim chancelar certas noções que são produtos de interpretações da teoria darwiniana. Essa distinção é clara mesmo a quem folheia o último volume da referida *Standard edition* – o qual contém índices e bibliografias referentes aos tomos anteriores –, visto que neste as menções

a Darwin se encontram dispostas em duas seções distintas: na lista de referências bibliográficas (Richards, 2001, p. 93) e no índice de nomes pessoais (Richards, 2001, p. 202). Conquanto pareça uma distinção corriqueira, é essencial tê-la em mente para que se possa conferir peso relativo às diferentes remissões a Darwin.

Além dessa diferença manifesta entre as referências, há outra distinção importante a ser notada – esta menos óbvia. Assinalada por Assoun (1996a, p. 1761), ela acusa também a existência de “dois regimes do referente darwiniano” nos escritos freudianos, mas do ponto de vista do conteúdo. Para Assoun (1996a, p. 1761, grifos nossos), o referente darwiniano aparece na obra de Freud, “por um lado, como *nome próprio* e emblema de uma *revolução antropológica*, da qual o *freudismo* é parte integrante”, e, por outro, “como *metodologia ou heurística*”. Dessa maneira, o autor francês apuradamente discrimina o processo freudiano de construção teórica, no qual as ideias de Darwin têm papel decisivo, da apreciação valorativa de Freud, o qual constata o poder revolucionário de sua própria teoria na esteira do darwinismo.

Ao harmonizar essa discriminação com a distinção meramente formal destacada anteriormente, e ao se voltar novamente para as referências a Darwin, percebe-se que Freud, quando usa as referências ao evolucionista inglês de forma heurística (uso que chamaremos de “heurístico”), sempre cita trechos da obra darwiniana ou se refere ao conteúdo desta. Reciprocamente, o uso dessas referências como nome próprio ou como emblema (que podemos chamar de “uso emblemático”) implica recorrer a aspectos extrínsecos a tal obra. Isso mostra que a distinção descoberta por Assoun se coaduna com a anterior, de modo que possuímos um retrato geral dessas referências – mapa que orienta o exame posterior de seus pormenores.

Munidos desse quadro geral, já podemos intuir que é em direção ao “uso heurístico” que devemos rumar inicialmente. Ora, se desejamos principiar a questão da influência de *Darwin*, e não do *darwinismo*, sobre a obra freudiana, nada mais prudente que nos voltarmos para esse uso. Ademais, não se pode compreender o juízo freudiano a respeito de sua construção sem antes verificar os alicerces desta, fabricados com auxílio de Darwin – ou, como demonstrou Assoun (1996a, p. 1745), sem antes “examinar os empréstimos feitos por Freud [aos] artigos específicos da teoria darwiniana”². Dessa maneira, não parece apenas cauteloso começarmos nosso exame por tal uso, mas também logicamente necessário.

Há, no entanto, razões mais fortes que nos impelem a seguir essa rota, e elas revelam que não somente devemos principiar nosso exame pelo referido uso como também privilegiá-lo. Suspeitamos, como Mezan (2007) e Simanke (2009), por exemplo, que subjaz à psicanálise de Freud um processo de constru-

ção teórica em larga medida inspirado na teoria de Darwin, o que representa um aspecto crucial para a compreensão do estatuto epistêmico da psicanálise. A fim de confirmar essa suspeita, deve-se meditar sobre o que Freud declaradamente tomou de empréstimo da obra darwiniana – e veremos, ao final, que, de fato, essas declarações representam valiosas pistas para pesquisar a influência de Darwin mesmo nas entrelinhas do texto freudiano. Assim, o “uso heurístico” merece atenção especial.

Isso não implica, contudo, negligenciar o “uso emblemático”. É certo que ele já evidencia a operação de leituras do darwinismo, como as de Ernst Haeckel (1834-1919). Não obstante, veremos que o exame de tal uso é essencial, pois revela que o modelo de ciência que Freud tinha em mente é muito próximo daquele que informou a teoria darwiniana. Nesse sentido, certas conjecturas freudianas deveriam muito mais à biologia evolucionária do que a outras ciências naturais, como a física ou a química. Destarte, o estudo desse grupo de referências a Darwin de modo algum é dispensável.

Freud como leitor de Darwin

Dentre as referências que ora nos propomos a examinar, destacamos as que figuram em “Estudos sobre histeria” (Breuer & Freud, 1895/2001). Não a julgar pelo modo, um tanto discreto e, como qualificou Assoun (1996a, p. 1747), “pontual”, com que elas foram apresentadas nesse texto freudiano, mas, sim, pelos seus efeitos nos textos posteriores de Freud – efeitos sobre os quais raramente os leitores da obra freudiana se debruçaram. Foi a partir de Darwin que Freud pôde, ao estudar a patologia histérica, atentar para o aspecto dinâmico e econômico do funcionamento afetivo e conceber uma via de incursão ao passado da espécie. Portanto, as referências ao evolucionista inglês nesse escrito freudiano são pontuais apenas em aparência.

Tais referências mencionam dois dos princípios postulados por Darwin (1872/2009) em “A expressão das emoções no homem e nos animais”, livro em que ele conjectura – com base nas observações de diferentes grupos (crianças, povos que tiveram pouco contato com os europeus, loucos, diversos animais) e de estudos anatômicos e fisiológicos da época – acerca da origem dos padrões comportamentais das espécies e suas mudanças ao longo da história. Como observa o etólogo Konrad Lorenz, este livro se alicerça em dois pressupostos: a) na consideração que “padrões comportamentais são características tão confiáveis e conservadas nas espécies quanto as formas dos ossos, dentes, ou de qualquer estrutura

corporal” (Lorenz, 2009, p. 9); b) na admissão que tais padrões “também têm o mesmo tipo de transmissão hereditária” (Lorenz, 2009, p. 10) que qualquer outra estrutura corporal. A partir desses pressupostos e dessas fontes de observação, Darwin postula três princípios gerais, responsáveis pelos mais variados comportamentos expressivos no homem e nos animais inferiores, dos quais interessa destacar apenas dois (visto que é a estes que Freud se refere): i) o primeiro princípio, dos hábitos associados úteis, que diz que movimentos que auxiliam a “satisfazer algum desejo, ou aliviar alguma sensação, se repetidos com frequência, tornam-se tão habituais que são realizados, tendo ou não utilidade, sempre que um mesmo desejo ou sensação são experimentados” (Darwin, 1872/2009, p. 295); ii) o terceiro princípio, da ação direta do sistema nervoso, o qual atribui certos movimentos expressivos à “força nervosa gerada em excesso” (Darwin, 1872/2009, p. 33).

A referência freudiana a esses dois princípios encontra-se, mais especificamente, nas discussões sobre Emmy von N. e Elisabeth von R., em que são utilizados como contraponto das manifestações patológicas de suas pacientes. Isto é, visto que o livro darwiniano investiga padrões comportamentais comuns a todos os humanos (e mesmo a alguns animais), Freud se vale dessa investigação a fim de discriminar fenômenos patológicos de fenômenos normais.

Assim, ao refletir sobre os sintomas somáticos intensos e marcantes de Emmy, Freud conclui que alguns deles “eram apenas expressão das emoções” (Breuer & Freud, 1895/2001, p. 91), ou seja, movimentos expressivos que podem ser observados em qualquer indivíduo. É o caso de cacoetes da paciente como o ato de brincar com os dedos e esfregar as mãos uma na outra para não gritar, que remeteriam “forçosamente a um dos princípios estabelecidos por Darwin para explicar a expressão das emoções – o princípio de transbordamento da excitação (Darwin, 1872, cap. 3)” (Breuer & Freud, 1895/2001, p. 91). No entanto, Freud reconhece que Emmy expressava tais emoções de forma “mais vívida e desinibida” (Breuer & Freud, 1895/2001, p. 91) que outras mulheres de “educação e raça” semelhante. De todo modo, isso denotaria uma diferença de grau, e não de natureza, entre manifestações patológicas como essa e comportamentos considerados normais, já que “*todos nós* estamos acostumados, quando afetados por um estímulo doloroso, a substituir um grito por outras inervações” (Breuer & Freud, 1895/2001, p. 91, grifos nossos).

Já no caso Elisabeth, Freud medita não sobre a intensidade da manifestação emocional, mas sobre o seu sentido, tema que também foi objeto das investigações darwinianas. Ele descobre que sintomas como a incapacidade de se manter em pé de Elisabeth von R. e a neuralgia facial de outra paciente, Cäecilie M., tiveram sua origem em momentos absolutamente significativos – no primei-

ro caso, estar em determinadas posições no momento dos traumas, e, no outro caso, encarar um insulto proferido pelo marido como uma “bofetada na face” ou uma “punhalada no coração”. Tais sintomas, portanto, seriam explicados por um processo de “simbolização”. Não obstante, o autor conjectura que a origem desse processo transcende “fatores pessoais e voluntários” (Breuer & Freud, 1895/2001, p. 181) e deve-se à reativação de impressões engendradas num passado remoto, em que linguagem e ato estavam extremamente ligados. Dessa forma, ele conclui que a tomada literal das expressões “bofetada na face” e “punhalada no coração” explica-se pelo retorno das “sensações às quais a expressão linguística *deve sua justificativa*” (p. 181). *É essa proximidade entre linguagem e ato* na histeria – proximidade a qual, aliás, já havia sido notada na “Comunicação preliminar” – que remete ao primeiro princípio darwiniano da emoção:

Todas essas sensações e inervações pertencem à “Expressão das Emoções”, que, como Darwin (1872) nos ensinou, consistem em ações que originalmente possuíam um significado e serviam a uma finalidade. Embora essas ações possam ter ficado, em sua maior parte, tão fracas hoje que sua expressão em palavras nos parece apenas metafórica, é altamente provável que tudo isso fosse tomado em sentido *literal*, e a *histeria está certa em restaurar o significado original das palavras ao restabelecer essas inervações mais intensas* (Breuer & Freud, 1895/2001, p. 181, grifos nossos).

De maneira bastante sutil e esquemática, posto que apenas percebe quem conhece as teses darwinianas presentes em “A expressão das emoções no homem e nos animais”, Freud, pela primeira vez em sua obra, entrevê um passado remoto inferido por Darwin, no qual a gênese de certos movimentos expressivos teria se dado. Ele se vale desse passado conjecturado pelo evolucionista inglês para buscar os limites entre o normal e o patológico e especular sobre a origem de certas características humanas. Ao mesmo tempo, ele se atém ao aspecto dinâmico da histeria e, inversamente, reconhece nela traços da normalidade: nas manifestações motoras históricas encontra, na verdade, conduzido pelo terceiro princípio darwiniano da emoção, o modelo de funcionamento da vida afetiva normal. Esse componente econômico do afeto será, como se sabe, basal na vindoura metapsicologia freudiana.

Tais questões não cessarão de reverberar na obra freudiana a partir de então, como atestam muitos autores. Strachey (2001b, p. 84) retoma brevemente as alterações que Freud operou sobre sua conceituação acerca da angústia e indica o quão tributária ela é, mesmo em “Inibição, sintoma e angústia” (Freud,

1926/2001), das concepções darwinianas sobre o comportamento emocional – motivo pelo qual autores como Shapiro (1999) advogam que o papel de Darwin na psicanálise pode ser elucidado se olharmos justamente para o lugar dos afetos na teoria psicanalítica. De modo semelhante, Ritvo (1992) ressalta a importância da combinação da teoria da recapitulação com a explicação darwiniana dos afetos nas “Conferências introdutórias sobre psicanálise” e, sobretudo, em “Visão geral sobre as neuroses de transferência” (Freud, 1915/1987) – texto em que, como revela Monzani (1990), Freud, na verdade, leva muito longe a teoria da recapitulação ao supor que “o indivíduo não só repete a pré-história da humanidade como também recapitula a evolução dos seres vivos”, de forma que “não só a filogênese é repetida abreviadamente como também a biogênese” (p. 93).

Já Assoun (1996a, 1996b) investiga mais detidamente as consequências do emprego de tais referências a Darwin. Segundo esse autor francês, Freud pôde enxergar, por meio do terceiro princípio darwiniano, o aspecto econômico do afeto, um dos alicerces da explicação metapsicológica freudiana. Por outro lado, o primeiro princípio darwiniano levou o criador da psicanálise a atentar para uma dimensão histórica na busca pelo sentido dos fenômenos psíquicos, outro arrimo da metapsicologia. Destarte, para Assoun (1996b, p. 153), o “núcleo econômico-dinâmico” da metapsicologia pagaria tributo à concepção darwiniana da emoção. Inspirando-se em Darwin, e a partir do estudo da histeria, Freud pôde tanto “correlacionar o *evento motor* à sua *significação expressiva*” quanto perceber que o afeto encontra seu “centro de gravidade no evento econômico” (Assoun, 1996b, p. 157).

Conquanto, à primeira vista, possa parecer estranho que, alguns anos depois, em “Os chistes e sua relação com o inconsciente”, Freud recorra a outro autor, Herbert Spencer (1820-1903), ao tratar desse aspecto econômico, é importante notar que o recurso a tal autor deve-se a uma questão específica. A obra de Spencer “A fisiologia do riso” é recuperada para ilustrar que o “riso é um *fenômeno de descarga de excitação mental* e uma prova de que o emprego psíquico se depa-rou com um obstáculo subitamente” (Freud, 1905/2001, p. 146, grifos nossos). Enquanto Freud deseja retirar de Spencer esse aspecto de descarga súbita que há no riso, ele traz à baila o nome de Darwin – numa clara alusão (mesmo que não precise dizê-lo com todas as letras) a “A expressão das emoções no homem e nos animais”, livro em que se aborda com certo vagar o tema do riso – com o intuito de denotar que o livro darwiniano sobre as emoções é um marco nas investigações sobre o riso. Portanto, Spencer é trazido à tona em função de ter captado o fenômeno da “descarga de excitação” especificamente e não por causa de uma contribuição mais abrangente (como a de Darwin) a respeito da economia afetiva.

Ora, Darwin confere abrangência ao aspecto econômico do afeto porque mostra sua universalidade. Como Lorenz (2009) observa, a originalidade darwiniana não reside em ter constatado tal “descarga de excitação” (constatação, aliás, que o próprio Darwin credits a Spencer), mas em ter engendrado uma “estratégia de pesquisa” (Lorenz, 2009, p. 9) que utilizou o estudo da emoção como atestado da ascendência animal do homem. Darwin nos lembra de que seu livro sobre as emoções foi escrito na mesma ocasião que “A descendência do homem e seleção em relação ao sexo” e de que ambos visam a verificar se homem descende de uma forma anterior (Darwin, 1871/1974, p. 13-14; 1872/2009, p. 313). Sendo assim, o trabalho darwiniano sobre emoções representa um marco em função de ter estendido o fenômeno captado por Spencer às mais variadas espécies ao redor globo.

A partir desses esclarecimentos, pode-se notar que é precisamente essa gênese evolutiva de certas manifestações anímicas o que granjeia a atenção de Freud desde os “Estudos sobre histeria”. Se o fundador da psicanálise, guiado pelo terceiro princípio darwiniano, expressou desde este texto os rudimentos de um modelo acerca da normalidade e da patologia do afeto, isso apenas se deu por meio do recurso ao patrimônio instintivo da espécie vasculhado por Darwin. Daí Freud, mais de trinta anos depois, ter citado novamente a obra darwiniana sobre a emoção para ilustrar o caráter instintivo de certos medos. Ele se vale, aliás, de um episódio vivenciado e narrado pelo próprio Darwin (1872/2009, p. 40), no qual este se assustou com uma cobra “que avançou sobre ele, ainda que soubesse que estava protegido por um vidro grosso” (Freud, 1917a/2001, p. 399). Muito mais do que algo “anedótico” que atestaria o interesse de Freud pelo *homem* Darwin (Assoun, 1996a, p. 1743), pensamos que essa passagem se presta a referir, mais uma vez na obra freudiana, o grande responsável por salientar esse patrimônio instintivo do homem – o qual é perscrutado desde os “Estudos sobre histeria”.

Freud não apenas atenta para esse feito darwiniano como também para o *modo* como Darwin chegou a suas conclusões, e busca proceder de forma semelhante à do evolucionista inglês. Em seu texto sobre as emoções, além de descrever extensamente as expressões dos homens e dos animais e subsumi-las em três princípios, Darwin (1872/2009, p. 306, grifo nosso) permite-se “*especular* sobre o quão cedo na longa linha de nossos ancestrais os vários movimentos expressivos exibidos hoje pelo homem foram sucessivamente adquiridos”. Freud, por seu turno, vê nas impressionantes manifestações da patologia histérica uma via para esse exercício especulativo, de modo a conceber que a histérica, tal qual um fóssil, seria o testemunho de uma forma arcaica de expressão.

No entanto, como dissemos, Freud apenas entrevê esse modo expressivo arcaico em “Estudos sobre histeria”. Uma verdadeira incursão a um passado remoto ocorre somente alguns anos depois, com o advento de “Totem e tabu” (Freud, 1913/2001), no qual recorre a outra obra darwiniana (Darwin, 1871/1974), considerada por ele um dos “dez livros mais significativos” do evolucionista inglês (Freud, 1906/2001, p. 245). O recurso a tal livro é ocasião para que Freud se dê conta do real valor heurístico desse exercício especulativo e do recurso a esse tempo primitivo darwiniano apenas divisados em 1895. Dá mostras dessa clareza em 1912, durante a redação de “Totem e tabu”, ao afirmar em carta a Jung: “Muitos autores consideram um tempo primordial de promiscuidade como improvável. Eu próprio, com toda modéstia, sou favorável a uma *hipótese diferente em relação ao período primordial – a de Darwin*” (Freud citado por McGuire, 1993, p. 508, grifos nossos). Como Assoun (1996a, p. 1747) ressaltou, depreende-se desse excerto o sentimento de Freud “de uma *escolha* teórica em favor da versão darwiniana do ‘tempo primitivo’”.

Assim, Darwin representa o alicerce histórico da “*Just-So Story*” (Freud, 1921/2001, p. 121) freudiana narrada em “Totem e tabu” – às vezes também chamada pelo próprio Freud, significativamente, de “mito científico” (Sigmund Freud Museum Vienna). Tal “mito” é de enorme importância à teoria freudiana, pois busca situar a aparição da estrutura edípica em uma época originária. Ele é anunciado no quarto ensaio do livro, em que Freud (1913/2001) busca uma explicação “ao mesmo tempo histórica e psicológica” (Freud, 1913/2001, p. 108) acerca da origem do totemismo e da exogamia. Para tanto, recupera sua concepção, desenvolvida no primeiro ensaio, que supõe o advento do totemismo como resultante do sentimento de horror ao incesto, e procura encontrar a origem desse horror. Após arrolar as razões pelas quais se deve rejeitar o caráter inato desse horror³ – apoiadas, entre outros motivos, numa afirmação de Darwin retirada de “A variação de animais e plantas sob domesticação”, de 1868 –, anuncia que se deve recorrer não a explicações sociológicas, biológicas e psicológicas, mas a uma explicação que denomina *histórica*, baseada numa “hipótese de Charles Darwin sobre o estado social dos homens primitivos” (Freud, 1913/2001, p. 125). Vê-se, então, que Darwin irrompe num momento absolutamente crucial do ensaio, após Freud considerar como insuficientes certas explicações oriundas de diferentes áreas do conhecimento, e passa a assumir então a função de arrimo de toda construção teórica freudiana expressa subsequentemente. Freud confere, assim, lugar de destaque e enorme peso a Charles Darwin.

A nosso ver, esse peso se refere nem tanto ao conteúdo da hipótese de Darwin, mas à forma conjectural que subjaz a ela; certamente Freud serve-se do

conteúdo de tal hipótese, porém a grande utilidade desta parece ser a de chancelar o *exercício especulativo* praticado no texto. Frisemos que ele utilizou, para se referir a ela, a designação “histórica”, o que denota um modo de proceder inferencial. Ademais, notemos que é tal designação que é associada ao nome de Darwin e não outra mais corrente, como “biológica” ou “antropológica” – o que pode parecer um tanto peculiar, e até escandaloso, aos menos familiarizados com os aspectos epistemológicos da biologia evolucionária⁴. Com efeito, pensamos que essa designação fornece indicações precisas a respeito do modelo de ciência em que Freud se inspira para conjecturar.

Além dessas, outras designações freudianas ressaltam esse caráter conjectural, como nos mostra Assoun (1996a, pp. 1746-1747): afora “*hipótese* de Charles Darwin”, “*pensamentos teóricos* de Robertson Smith, Atkinson e Charles Darwin” (Freud, 1915/2001, p. 292, grifos nossos), “*conjetura* de Darwin” (Freud, 1921/2001, p. 122; 1925b/2001, p. 67, grifo nosso) e, por fim, “*indicação* de Darwin” e de Atkinson (Freud, 1939/2001, p. 81, grifo nosso) ou “*ideias teóricas* de Darwin, Atkinson e, particularmente, Robertson Smith” (Freud, 1939/2001, p. 131, grifos nossos). Isso sinaliza que Freud buscava em Darwin uma *caução científica* para a elaboração de suas próprias conclusões a respeito dos primórdios da humanidade – no fundo, “apenas uma hipótese, como tantas outras com as quais os *arqueólogos* buscam iluminar as trevas dos tempos pré-históricos” (Freud, 1921/2001, p. 122, grifo nosso).

A julgar por esse amplo número de ocorrências na obra freudiana, pelo grande apreço, atestado por Strachey (2001a, p. 9), que Freud tinha por tal hipótese e pela importância que esta possui na teoria freudiana, percebemos o grande poder heurístico dela, mas devemos reconhecer aí certa dívida metodológica para com “Estudos sobre histeria”. Embora Freud tenha decidido desbravar o passado remoto dos homens somente a partir de 1913, uma senda, via Darwin, já havia sido divisada em 1895, como procuramos mostrar. Consequentemente, se Assoun (1996a, p. 1746) tem razão em classificar de “principal” o empréstimo feito da teoria darwiniana em “Totem e tabu”, talvez possamos, por nossa vez, qualificar de *primordial* (com os vários sentidos que o termo abriga) o empréstimo que se vê em “Estudos sobre histeria”. Nesses dois textos vemos Freud recorrer a Darwin com o fito de respaldar um modo de conjecturar sobre o passado.

Todavia, não é possível auferir de tais referências mais do que indícios a esse respeito. De fato, é curioso que Freud aduza a aspectos da obra darwiniana que poderiam ser descritos como metodológicos, mas nada diga a respeito do modo de proceder por conjecturas de Darwin. Assim, Freud (1950[1895]/2001, p. 303), em “Projeto de uma psicologia”, se refere à “linha darwiniana de raciocí-

nio”, não para tratar de aspectos gerais, como talvez se pudesse esperar, mas para abordar questões bastante específicas, relativas à constituição do aparelho psíquico⁵. O mesmo ocorre com a menção às “sóbrias linhas darwinianas de raciocínio” (Freud, 1920/2001, p. 56), em “Além do princípio do prazer”⁶. Embora essas passagens demonstrem o recurso a Darwin em momentos decisivos da construção da metapsicologia, elas proporcionam uma quebra de expectativas, tanto por não trazerem mais esclarecimentos sobre o modo de conjecturar darwiniano quanto por não serem de grande utilidade a Freud.

Da mesma forma, as referências à “regra de ouro” de Darwin (Freud, 1901/2001, p.148; 1917a/2001, p. 76) não trazem tais esclarecimentos, conquanto possam indicar, segundo Assoun (1996a, p. 1745), “um parentesco [*cousinage*] epistemológico significativo” entre a psicanálise freudiana e a teoria darwiniana. Essa “regra” consistia em anotar ideias que se opunham às conclusões gerais de Darwin – procedimento rigoroso a que o próprio autor (Darwin, 1887/2000, p. 107) atribui o sucesso de sua obra magna, “A origem das espécies”. Freud, por meio do artigo de Jones “The psychopathology of everyday life”, de 1911, teve ciência desse procedimento e, com o afã de corroborar a importância de suas hipóteses a respeito da relação entre esquecimento e desprazer, evocou Darwin como alguém que atestou na prática essa relação. Assoun (1996a) nota que o próprio Freud procedia de maneira análoga, já que a robustez de suas hipóteses metapsicológicas eram garantidas pelo apego aos fatos e pela caça obstinada à contradição e aos argumentos contrários. Daí o parentesco, para Assoun (1996a), entre ciências de Darwin e de Freud na forma de obter conhecimento. Não obstante, o próprio Freud nada traz acerca disso nessas referências, nem a respeito do modo de conjecturar.

Por outro lado, pensamos que esse parentesco pode ser mais bem delineado se nos dirigirmos para as demais referências. Nesse conjunto de menções, Darwin porta o estandarte da revolução naturalista, evocado não mais na qualidade de autor, mas enquanto figura simbólica. Buscaremos mostrar que é na esteira dessa revolução que Freud insere sua própria ciência.

Darwin como emblema de uma revolução e o naturalismo de Freud

Não causará espanto se conferirmos destaque, dentre as referências de “uso emblemático”, àquelas em que Freud professa sua genealogia dos ataques ao narcisismo humano. De fato, ao se considerar que essas passagens são demasiada-

mente conhecidas, pode-se até temer, no mínimo, por uma iminente falta de originalidade de nossa parte.

Todavia, tais passagens abarcam certos aspectos que nem sempre foram explorados na literatura psicanalítica. A começar pelo fato de que grande parte dessa genealogia não é de autoria de Freud, e muito menos de Darwin, mas de Ernst Haeckel. Como Assoun (1983, p. 217-226) e Ritvo (1992, p. 36-38) demonstraram, a eleição e associação dos nomes de Copérnico e Darwin foram expressas por Haeckel primeiramente – embora Emil du Bois-Reymond (1818-1896) tenha se valido dessa associação posteriormente –, na esteira do intento haeckeliano de propalar o darwinismo.

A despeito da autoria haeckeliana, pode-se tomar essa genealogia, conforme indicou Assoun (1983, 1996a), como uma preciosa via para a determinação dos contornos epistêmicos da psicanálise freudiana, sobretudo se considerarmos que o uso de tal genealogia ocorre num “texto em que Freud define do modo mais explícito possível a consciência que tem de sua intervenção revolucionária no campo do saber” (Assoun, 1983, p. 215). Esse uso denuncia – e isto também nem sempre foi notado – o solo naturalista em que Freud fora formado e o fascínio que exercera ao então jovem médico a “filosofia darwinista” (p. 218) divulgada por Haeckel. Dessa forma, a alteridade da genealogia transforma-se em identidade: Freud insere sua ciência na corrente do naturalismo.

Por conseguinte, o ato de inserir a si mesmo na série de golpes ao “ingênuo amor-próprio dos homens” (Freud, 1917a/2001, p. 284) deve ser encarado como uma valiosa pista e não meramente como mais uma das manifestações de sua imodéstia. Se, para ele, o golpe de “Darwin, Wallace e seus predecessores” (p. 285) “destruiu o suposto lugar privilegiado do homem na criação e *provou sua ascendência [descent] do reino dos animais e sua inextirpável natureza animal*” (p. 285, grifos nossos), fica claro que Freud considerava indelével a herança zoológica do homem. Isso causaria estranheza apenas ao jejuno em filosofia e ciência do século XIX, já que Freud, como Souza (2010, p. 259) lembrou, incluía, sem sombra dúvida, o homem entre os animais, tal como seus antecessores “espirituais diretos (Schopenhauer e Nietzsche, para ficarmos entre os alemães)”.

Em “Uma dificuldade no caminho da psicanálise” (Freud, 1917b/2001), a descrição desse “golpe *biológico*” (p. 141) é precisada e nos fornece mais elementos para que se vislumbre o liame entre a intervenção de Darwin e a de Freud. Para este, aquele autor, ao atentar para as patentes evidências, tanto na estrutura física do homem “*quanto em suas disposições psíquicas*” (p. 141, grifos nossos), da semelhança entre o homem e os animais, pôs fim à presunção humana que criara um fosso entre a natureza humana e a animal. Com isso, Freud dá a ver o alcance das

descobertas darwinianas no domínio psíquico, embora ele próprio arrogue autoria do golpe *psicológico*. De todo modo, isso faz de Darwin uma espécie de padrinho epistêmico de Freud, visto que aquele forneceu as diretrizes para o estudo do mundo *orgânico*, que abarca diretamente o homem, com seu corpo e sua mente. Por isso, podemos dizer que Darwin, tal como é apresentado nessa genealogia de feições haeckelianas, fornece caução ao saber freudiano.

Quando se nota que Freud evoca Darwin também no âmbito das resistências oferecidas ao saber, percebe-se a dimensão dessa caução, pois este último, igualmente, serve de testemunho a respeito das sérias objeções que uma nova teoria científica enfrenta – objeções que, como aquelas com as quais se defrontou a psicanálise, não são de origem intelectual, mas afetiva (Freud, 1917b/2001, p. 137; 1925a/2001, p. 221). Mais uma vez, Freud (1925a/2001, p. 221) afirma que a teoria de Darwin aniquilou a “a barreira que, de forma arrogante, foi erigida entre homem e o animal” – motivo pelo qual enfrentou sérias resistências (afetivas, portanto); mais uma vez, Darwin é convocado com o afã de corroborar a importância de algo caro à teoria freudiana: as resistências oferecidas a esta seriam análogas às apresentadas ao evolucionismo darwiniano.

No entanto, conforme estas vão se amainando, as teorias passam a ser aceitas de forma gradativa. Novamente, Darwin serve de exemplo a Freud (1939/2001, p. 66), já que, após enfrentar intensa rejeição, a teoria darwiniana assistiu à sua glória, cuja apoteose foi o enterro de Darwin na Abadia de Westminster. Decursos como esse provam, para Freud (1939/2001, p. 66), que “a nova verdade desperta resistências emocionais” – bordão que o fez perseverar em suas próprias investigações (Freud, 1914/2001, p. 20-24). Afinal, pensava ser esse o destino de um “descobridor solitário” (p. 23) como ele, “ora comparado a Colombo, Darwin e Kepler, ora insultado de demente” (p. 43). Porém mirou-se no exemplo de Darwin e esperou que sua ciência tivesse a mesma fortuna que teve a ciência deste; que, finalmente, um dia se dessem conta de que, com a psicanálise, “um campo para um importante avanço no conhecimento” (Freud, 1925b/2001, p. 70) teria sido aberto.

Reiteramos que é necessário passar ao largo da obstinação e vaidade freudianas evidenciadas por essas declarações a fim de perceber que a estas subjaz o interesse por um certo modelo de ciência. Com efeito, esse interesse já se manifestava, ainda sob o signo da sedução, desde a juventude de Freud, tendo impulsionado sua escolha pela medicina, como ele nos relata em sua autobiografia (Freud, 1925b/2001, p. 8). Nesta, o autor salienta o aspecto sedutor das teorias de Darwin, que prometiam ampliar sua “compreensão do mundo” (*Weltverständnis*). Isso denuncia que é, com efeito, uma imagem de ciência que ele encontra em Darwin.

Tal imagem nunca deixa de fulgurar no horizonte freudiano, de forma que não permaneceu apenas no plano da atração e do interesse, pois se transformou em prática – tanto nos laboratórios de Carl Claus e Ernest W. Brücke (1819-1892) como mesmo depois de Freud abandonar as pesquisas biológicas. Nesse sentido, devemos recordar que ele reiteradamente afirma que sua psicanálise pertence ao campo das ciências da natureza (*Naturwissenschaften*), ainda que corresponda a um ramo específico da psicologia (daí ser uma *Spezialwissenschaft*) que investiga os processos psíquicos de um determinado modo (Freud, 1933/2001, p. 158).

A reiteração desse pertencimento parece denunciar a assunção de uma posição numa importante disputa epistemológica que se convencionou chamar de “querela dos métodos” (*Methodenstreit*). Como indica Assoun (1983, p. 45), essa disputa ocorreu nos meios acadêmicos alemães entre o final do século XIX e o começo do XX e foi provocada pela ascensão das *Geisteswissenschaften*, as quais reivindicavam uma metodologia *sui generis*, diferente da verificada nas *Naturwissenschaften*. Além da insistência de Freud na inclusão da psicanálise no domínio destas últimas, o próprio recurso à genealogia haeckeliana, como aponta Assoun (1983), aparenta sinalizar a clareza da escolha de uma posição nesse debate, já que, “de fato, Haeckel não foi simplesmente um dos que mais difundiram o darwinismo, mas consumou o casamento da teoria de Darwin com a ciência e com a epistemologia de seu tempo” (Assoun, 1983, p. 219) ao defender um monismo epistemológico extremamente influente no último quarto do século XIX. Portanto, Freud, ao incluir a psicanálise no ramo das ciências naturais, parece ter escolhido tomar parte nesse importante debate oitocentista.

Não obstante, um olhar mais atento a essa questão revela que a concepção de *Naturwissenschaft* de Freud implica, na verdade, a recusa dessa bipartição. A esse respeito, tomamos a liberdade de, por um breve momento, sair do âmbito das referências freudianas a Darwin e reproduzir um excerto particularmente elucidativo, no mesmo texto autobiográfico, aliás, mencionado há pouco, em que a diferença entre o modo de proceder das *Geisteswissenschaften* e das *Naturwissenschaften* é abordada, e as semelhanças destas com a psicanálise são exibidas:

eu escutei repetidas vezes, de forma desdenhosa, que é impossível levar a sério uma ciência cujos conceitos principais são tão imprecisos como aqueles de libido e pulsão da psicanálise. Essa crítica repousa, porém, sobre um juízo totalmente falso acerca dos fatos. Conceitos básicos claros e definições com contornos precisos são apenas possíveis nas *ciências do espírito* (*Geisteswissenschaften*), na medida em que estas procuram ajustar um domínio de fatos a um quadro lógico sistemático. Nas *ciências naturais*

(*Naturwissenschaften*), entre as quais está psicologia, tais conceitos gerais claros são supérfluos e, de fato, impossíveis. A zoologia e a botânica não começaram da definição correta e adequada de animal e planta; até hoje, a biologia é incapaz de prover qualquer significado seguro ao conceito de “vida” [...]. As ideias básicas ou conceitos mais gerais em qualquer disciplina científica ficam sempre indeterminados no princípio e apenas estão condicionados inicialmente aos fenômenos dos quais derivaram; é somente por meio de uma análise progressiva do material de observação que eles se tornam claros e podem encontrar um significado evidente e consistente (Freud, 1925b/2001, p. 57, grifos nossos).

Esse excerto atesta de forma exemplar o silogismo epistêmico de Freud e o motivo do abandono da distinção entre ramos científicos: a) se a incompletude é uma etapa fundamental e necessária à construção de um conhecimento claro e consistente acerca dos objetos, sendo a prerrogativa maior de qualquer disciplina que se pretenda científica, e b) se apenas são as *Naturwissenschaften* (e, dentre elas, a psicanálise) que seguem esse preceito, já que as *Geisteswissenschaften* estão mais preocupadas em ajustar conceitos a fim de obter uma completude apressada, que, no fundo, corresponde a um logro, c) então as *Naturwissenschaften* são as únicas ciências verdadeiras. É dessa forma que Freud, ao insistir na legitimidade das ciências naturais, elege-as como modelo das ciências em geral. Onde a recusa da bipartição forjada nos meios acadêmicos oitocentistas.

Ao mesmo tempo que fundamenta tal recusa, o silogismo de Freud visa frisar a homologia entre o trabalho científico e o analítico. O modo laborioso de proceder e o caráter provisório das teorizações que distinguem esses trabalhos fazem da atividade analítica uma atividade científica. Tais “características negativas” (Freud, 1933/2001, p. 159) são, no entanto, o meio mais seguro de tentar “corresponder à realidade” (Freud, 1933/2001, p. 170), mesmo que se possa objetar que a ciência seja demasiadamente recente na história humana – tanto que Freud “já estava vivo quando Darwin publicou seu livro sobre a origem das espécies” (Freud, 1933/2001, p. 173). Assim, a busca pelos preceitos das *Naturwissenschaften*, para Freud, é o que aproxima sua ciência daquela de Darwin e garante a cientificidade dessas teorias, por mais novas que sejam no conjunto de saberes do homem.

Com efeito, um exame mais atento das peculiaridades dessas teorias nos revela um liame ainda mais íntimo entre elas. Primeiramente, é necessário asseverar que a concepção freudiana de *Naturwissenschaft* não se vincula, como indica Simanke (2009), a um naturalismo positivista ou a um modelo oriundo das cha-

madras ciências da matéria, mas ao modelo da biologia evolucionária. Pois se deve notar “que Freud atribui à natureza características usualmente atribuídas à história: conflito, finalidade, intenção” (Simanke, 2009, p. 232), o que nos remete a Darwin, visto ser “evidente o papel que a teoria darwinista da evolução desempenhou na consolidação de uma visão da natureza como história” (Simanke, 2009, p. 232). Dessa maneira, para Simanke (2009), a teoria darwiniana é crucial à compreensão das peculiaridades epistêmicas do naturalismo psicológico freudiano. Efetivamente, como Mezan (2007) recorda, a presença de um modelo darwiniano de teorizar talvez esteja tão evidente na obra freudiana que o próprio Freud não tenha atinado com esse fato. Embora essa presença seja evidente nas estratégias argumentativas freudianas, talvez ela seja ainda maior “nas entrelinhas do texto de Freud” (Mezan, 2007, p. 343). De todo modo, vê-se que esses autores (bem como o longo excerto freudiano reproduzido acima) conferem robustez às nossas suspeitas a respeito da ampla influência de Darwin sobre o pensamento freudiano – mesmo que Freud, por vezes, não desse sinais de estar cômico dela. Isso indica que se pode encontrar na obra deste autor ecos darwinianos até mesmo nas reflexões que se distanciam da biologia – donde a constatação de Figueiredo (1999, p. 51) a respeito da importância da biologia, a qual “não pertence apenas ao passado epistemológico da psicanálise, nem funciona apenas como parte do horizonte externo das produções freudianas, mas integra o próprio corpo do pensamento psicanalítico”. Portanto, ao fornecerem valiosas pistas a respeito do naturalismo freudiano, todas essas considerações permitem entrever que a ligação entre as teorias de Freud e de Darwin é ainda mais forte e profunda do que as referências textuais nos permitem enxergar.

Todavia, é apenas graças a tais referências que isso pode ser entrevisto. Assim, se nos permitimos ultrapassar muito brevemente o domínio delas, foi com o intuito de indicar que elas nos fornecem subsídios para que os contornos da filiação entre Freud e Darwin sejam alicerçados sobre bases seguras.

À guisa de conclusão

A partir da análise que empreendemos acima, pode-se concluir que o recurso à via pouco explorada, embora evidente, das menções de Freud a Darwin se mostra profícua, na medida em que fornece sólidas indicações de que o fundador da psicanálise buscou no evolucionista inglês não apenas subsídios conceituais a respeito da dinâmica anímica do homem – desde a importância do patrimônio instintivo deste na determinação de suas ações a preceitos sobre seu funcionamento afetivo – como também um modelo de teorizar.

Por mais profícua que se mostre essa via escolhida por nós, ela, não obstante, de modo algum é suficiente para dar conta da complexa questão da influência de Darwin sobre Freud. Embora ela nos tenha apontado direções importantes, estas devem ser exploradas em investigações futuras, posto que as referências ao evolucionista inglês na obra freudiana não fornecem mais que indicações. Dessa forma, a análise dessas referências funciona como uma espécie de propedêutica – algo de caráter fundamental, portanto – à temática da influência de Darwin sobre Freud, de maneira que são necessárias pesquisas futuras que se pautem por critérios que transcendam tais referências.

Mesmo assim, tendo em vista os objetivos a que nos propusemos, nosso critério de análise é suficiente na medida em que permite demonstrar que Darwin acompanha etapas fundamentais da teorização freudiana. De fato, percebemos que a natureza dúplice do referente darwiniano na obra de Freud atrela-se ao amadurecimento da própria teoria freudiana. No início, Freud, preocupado em erigir sua teoria, buscou em Darwin sobretudo hipóteses de trabalho, como se necessitasse do amparo do autor britânico. A partir do momento em que o edifício psicanalítico revelou-se mais bem assentado, Freud, interessado em avaliar o resultado de sua própria teoria, reconheceu em Darwin um aliado epistêmico, pronunciando-se sobre as semelhanças que via entre a sua ciência e a do evolucionista inglês. Esse movimento de transformação da temática darwiniana na obra freudiana acompanha, portanto, o percurso da própria psicanálise.

Referências

- Assoun, P. L. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago.
- Assoun, P. L. (1996a). Freudisme et darwinisme. In P. Tort (Ed.), *Dictionnaire du Darwinisme et de l'évolution* (pp. 1741-1763). Paris: PUF.
- Assoun, P. L. (1996b). *Metapsicologia freudiana: uma introdução*. São Paulo: Jorge Zahar.
- Breuer, J., & Freud, S. (2001). Studies on hysteria. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 2). London: Vintage. (Trabalho original publicado em 1895)
- Darwin, C. (1974). *A origem do homem e a seleção sexual*. São Paulo: Hemus. (Trabalho original publicado em 1871)
- Darwin, C. (2009). *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1872)
- Darwin, C. (2000). *Autobiografia 1809-1882*. São Paulo: Contraponto. (Trabalho original publicado em 1887)

- Ellenberger, H. F. (1970). *The discovery of the unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry*. New York: Basic Books.
- Figueiredo, L. C. (1999). As províncias da angústia (Roteiro de viagem). *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, 2(1), 159-163.
- Freud, S. (1987). Overview of the transference neurosis. In I. Grubrisch-Simitis (Ed.). *A phylogenetic phantasy*. Cambridge, MA: Harvard University Press. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2001). The psychopathology of everyday life. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 6). London: Vintage. (Trabalho original publicado em 1901)
- Freud, S. (2001). Jokes and their relation to the unconscious. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 8). London: Vintage. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2001). Contribution to a questionnaire on reading. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 245-247). London: Vintage. (Trabalho original publicado em 1906)
- Freud, S. (2001). Totem and Taboo. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol.13, pp. 1-162). London: Vintage. (Trabalho original publicado em 1913[1912-1913])
- Freud, S. (2001). On the History of the Psycho-Analytic Movement. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (v. 14, pp. 1-66). London: Vintage. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2001). Thoughts on War and Death. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (v. 14, pp. 273-302). London: Vintage. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2001). Introductory Lectures on Psycho-Analysis. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (v. 15 e v. 16). London: Vintage. (Trabalho original publicado em 1917a[1915-1917])
- Freud, S. (2001). A Difficulty in the Path of Psycho-Analysis. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (v. 17, pp. 135-144). London: Vintage. (Trabalho original publicado em 1917b[1916])
- Freud, S. (2001). Beyond the Pleasure Principle. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (v. 18, pp. 1-64). London: Vintage. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2001). Group Psychology and the Analysis of the Ego. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (v. 18, pp. 65-143). London: Vintage. (Trabalho original publicado em 1921)

- Freud, S. (2001). The Resistances to Psycho-Analysis. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (v. 19, pp. 211-222). London: Vintage. (Trabalho original publicado em 1925a[1924])
- Freud, S. (2001). An Autobiographical Study. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (v. 20, pp. 1-74). London: Vintage. (Trabalho original publicado em 1925b[1924])
- Freud, S. (2001a). Inhibitions, Symptoms and Anxiety. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (v. 20, pp. 87-172). London: Vintage. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (2001b). New Introductory Lectures on Psychoanalysis. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (v. 22, pp. 1-182). London: Vintage. (Trabalho original publicado em 1933[1932])
- Freud, S. (2001c). Moses and monotheism. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (v. 23, pp. 1-207). London: Vintage. (Trabalho original publicado em 1939[1934-1938])
- Freud, S. (2001). Project for a scientific psychology. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (v. 1, pp. 281-387). London: Vintage. (Trabalho original publicado em 1950[1895])
- Freud London Museum. Archive Catalogues. Recuperado em 09 de set., 2011, de <<http://www.freud.org.uk/archive/catalogue>>.
- Gould, S. J. (2002). *The structure of evolutionary theory*. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press.
- Lorenz, K. (2009). Prefácio. In C. Darwin, *A expressão das emoções no homem e nos animais* (pp. 7-10). São Paulo: Companhia das Letras.
- McGuire, W. (1993). *A correspondência completa de Sigmund Freud a Carl G. Jung*. Rio de Janeiro: Imago.
- Mezan, R. (2007). Que tipo de ciência é, afinal, a psicanálise? *Natureza Humana*, 9(2), 319-359.
- Monzani, L. R. (1990). A “fantasia” freudiana. In B. Prado Jr. (Ed.), *Filosofia da psicanálise* (pp. 73-107). São Paulo: Brasiliense.
- Richards, A. (2001). Indexes and bibliographies. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (v. 24). London: Vintage.
- Ritvo, L. B. (1965). Darwin as the source of Freud's neo-Lamarckism. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 13(3), 499-517.
- Ritvo, L. B. (1972). Carl Claus as Freud's professor of the new Darwinian biology. *The International Journal of Psychoanalysis*, London, 53(2), 77-283.
- Ritvo, L. B. (1974). The impact of Darwin on Freud. *The Psychoanalytic Quarterly*, 43(2), 177-192.

- Ritvo, L. B. (1992). *A influência de Darwin sobre Freud: um conto de duas ciências*. Rio de Janeiro: Imago.
- Sigmund Freud Museum Vienna. Carta de 30.7.1927 a Robert von Pliz. Recuperado em 09 de setembro, 2011, de: <<http://www.freud-museum.at/freud/chronolg/1913-e.htm>>.
- Simanke, R. T. (2009). A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Scientiae Studia*, 7(2), 221-236.
- Souza, P. C. (2010). *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Shapiro, T. (1999). Foreword. *International Journal of Psychoanalysis*, 80(2), 275-276.
- Strachey, J. (2001a). Editor's note. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (v. 13, pp. 9-12). London: Vintage.
- Strachey, J. (2001b). Editor introduction. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (v. 20, pp. 77-86). London: Vintage.
- Suloway, F. J. (1992). *Freud, biologist of the mind – beyond the psychoanalytic legend*. London: Harvard University Press.

Notas

- ¹ Esse artigo baseia-se nas conclusões obtidas em uma pesquisa de Iniciação Científica que visou delimitar a influência de Darwin sobre Freud a partir das referências textuais deste àquela. Realizada em 2007 no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e vinculada ao Laboratório de Psicanálise e Análise do Discurso (LAPSI-PSA), a pesquisa foi desenvolvida pelo primeiro autor sob a orientação da segunda autora. Agradecemos à FAPESP (processo nº. 2006/57160-6) pelo financiamento e esclarecemos que esse trabalho, na forma em que se apresenta neste artigo, sofreu alterações significativas, tendo-se expandido tanto no âmbito dos desdobramentos das conclusões iniciais como das referências utilizadas.
- ² Embora concordemos com Assoun (1996a) quanto a essa questão de ordem, observarmos que é à diferença do autor que, pelos motivos ora expostos, privilegiamos o uso heurístico. O autor francês, em contrapartida, confere mais destaque ao uso valorativo, visto crer que a “parábola de fundação” do freudismo é via privilegiada para a descoberta das peculiaridades da epistemologia da psicanálise (Assoun, 1996a, p. 1748, p.1762; 1996b, pp. 213-243).
- ³ Freud (1913/2001, p. 122) aduz à explicação de Edvard Westermarck (1862-1939), endossada por Havelock Ellis (1859-1939), em que se atribuiu esse horror a uma aversão inata às relações sexuais entre os membros do mesmo clã devido à intimidade e à convivência desde a infância. Nem é preciso dizer que uma hipótese dessa espécie choca-se frontalmente com o edifício psicanalítico, para o qual as mais precoces e fundantes manifestações sexuais têm invariavelmente caráter incestuoso. Ainda, a hipótese parece ter uma espécie de erro lógico,

pois, se se tratasse verdadeiramente de um instinto, leis contra o incesto não seriam necessárias. Assim, deve-se rejeitar essa hipótese, bem como outras erigidas sobre a atribuição de um suposto conhecimento por parte dos selvagens acerca dos danos genéticos da endogamia. Freud (1913/2001, p. 124) afirma que os estudos da época sobre os selvagens contemporâneos tornavam essa hipótese bastante improvável e, para apoiar seu argumento, cita, em nota de rodapé, o livro de Darwin publicado em 1868: “Darwin {1875, 2, 127} escreve que os selvagens ‘provavelmente não refletem sobre os danos a longo termo [da endogamia] à prole’”.

⁴ Para esclarecimentos a respeito da proximidade metodológica entre a biologia evolucionista e a história, vide, por exemplo, Gould (2002, pp. 93-115).

⁵ No caso, verificar se a diferença de valência entre as barreiras de contato dos neurônios ϕ e ψ seria devido a uma diferença morfológica ou não, ou seja, se o neurônio ψ foi selecionado em função de uma característica indispensável à sobrevivência (a impermeabilidade). Freud (1950[1895]/2001, pp. 303-304) acaba supondo que a diferença não está na morfologia dos neurônios, mas nas quantidades a que estão submetidos. Dessa maneira, Freud traz à tona a “linha de raciocínio darwiniana” para descartá-la, preferindo, nesse caso, um modelo de explicação mecânico ao biológico – no fim das contas, os dois modelos cotejados nas explicações desenvolvidas nesse texto freudiano.

⁶ Aludidas novamente com o intuito de calcar descobertas psicológicas sobre o solo biológico – desta vez, verificar se haveria primazia da pulsão de morte no nível celular –, e que também não trazem grande auxílio aos enigmas freudianos, já que pelas “linhas darwinianas” chegar-se-ia à conclusão de que a primeira união sexual entre células (anfimixia) fora fortuita, e selecionada, a partir de então, por suas vantagens adaptativas (Freud, 1920/2001, p. 57).

Recebido em 17 de novembro de 2011

Aceito para publicação em 10 de junho de 2012